

Neoliberalismo e investigação científica: estudo exploratório num centro de psicologia português

Neoliberalismo e investigación científica: estudio exploratorio en un centro de psicología portugués

Neoliberalism and Scientific Research: Exploratory Study in a Portuguese Psychology Center

Hugo Araújo¹
Carlos Gonçalves²

Recebido: 8 de abril de 2020

Aprovado: 19 de agosto de 2020

Publicado: 16 de noviembre de 2020

Para citar este artigo:

Araújo H. & Gonçalves C. (2020). Neoliberalismo e investigação científica: estudo exploratório num centro de psicologia português. *Pensando Psicologia*, 16(2), 1-21. doi: <https://doi.org/10.16925/2382-3984.2020.02.03>

Artículo de investigación. <https://doi.org/10.16925/2382-3984.2020.02.03>

¹ Universidade do Porto. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.

Correio eletrónico: araujohugo68@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4043-1166>

² Universidade do Porto. Professor Auxiliar na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.

Correio eletrónico: carlosg@fpce.up.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4050-3094>

Resumo

Objetivo: o presente artigo explora as consequências da aplicação das práticas neoliberais de mercado na investigação científica em Psicologia, particularmente (1) a dependência da investigação científica em Psicologia no contexto português em relação aos financiadores e (2) se os modelos psicologizadores — encaram o eu interior como a causa e a raiz de todos os comportamentos (Cabanas & Illouiz, 2019) — são, de facto, priorizados. Adota como referencial teórico a Psicologia Crítica que, não sendo um campo de estudos unificado, pretende analisar a Psicologia na sua constante interação com a realidade social, económica, cultural, política e histórica da qual é produto (Coimbra & Menezes, 2009).

Método: para o efeito, foram entrevistados 12 investigadores pertencentes a um centro de investigação de Psicologia de uma universidade portuguesa, composto por cinco grupos de investigação, dos quais cinco são do género masculino e sete do género feminino. Não se distinguem as posições ocupadas pelos investigadores (membros integrados do centro de investigação, docentes, bolseiros ou colaboradores) porquanto sendo um estudo exploratório; analisam-se somente os seus discursos através duma análise temática do conteúdo.

Resultados: da análise emergiram as categorias (1) centro de investigação, (2) qualidade de investigação, (3) financiamento, (4) publicações e (5) papel da psicologia.

Conclusão: conclui-se que neste centro predominam referenciais teóricos sensíveis aos fatores económicos, políticos e sociais, porém são os modelos tecnocratas e intrapsíquicos, mais alinhados com as demandas neoliberais, que têm maior alcance e impacto nas revistas internacionais e, por consequência, maior investimento, uma vez que é o sucesso no mercado que o determina.

Palavras-chave: Neoliberalismo, Psicologização, Investigação Científica; Novas Políticas de Gestão.

Resumen

Objetivo: este artículo explora las consecuencias de la aplicación de las prácticas de mercado neoliberal en la investigación científica en Psicología, particularmente (1) la dependencia de la investigación científica en Psicología en el contexto portugués con relación a los financiadores y (2) si los modelos psicologizantes - enfrentan el yo interior como causa y raíz de todos los comportamientos (Cabanas & Illouiz, 2019) - son, de hecho, priorizados. Adopta como referente teórico la Psicología Crítica, la cual, al no ser un campo de estudios unificado, pretende analizar la Psicología en su constante interacción con la realidad social, económica, cultural, política e histórica de la que es producto (Coimbra & Menezes, 2009).

Método: para ello, se entrevistó a 12 investigadores pertenecientes a un centro de investigación en Psicología de una universidad portuguesa, compuestos por cinco grupos de investigación, de los cuales cinco son hombres y siete mujeres. Los puestos ocupados por los investigadores (integrantes del centro de investigación, docentes, becarios o colaboradores) no se distinguen por tratarse de un estudio exploratorio; solo sus discursos son analizados a través de un análisis temático del contenido.

Resultados: del análisis surgieron las categorías (1) centro de investigación, (2) calidad de la investigación, (3) financiación, (4) publicaciones y (5) el papel de la psicología.

Conclusión: se concluye que en este centro predominan las referencias teóricas sensibles a factores económicos, políticos y sociales, sin embargo, son los modelos tecnocráticos e intrapsíquicos, más alineados con las demandas neoliberales, los que tienen mayor alcance e impacto en las revistas internacionales y, en consecuencia, mayor inversión, ya que es el éxito en el mercado lo que la determina.

Palabras clave: Neoliberalismo, Psicologización, Investigación Científica; Nuevas Políticas de Gestión.

Abstract

Objective: this article explores the consequences of the application of some free market practices within the scientific research in psychology, particularly 1) the reliance of scientific research in psychology in the Portuguese context in relation to funding institutions and 2) if psychologized models, those which assume the self as cause and source of all behaviors (Cabanas & Illouiz, 2019), are in fact, prioritized. As theoretical reference, critical psychology is adopted, although it is not a unified field, it pretends to analyze psychology and its constant interaction with social, economic, cultural, political and historical reality (Coimbra & Menezes, 2009).

Method: to achieve this aim, 12 researchers subscribed to a Portuguese university were interviewed. These participants were members of five research groups from a psychological research center, of which 5 were men and 7 were female. Due to the fact that this is an exploratory study, positions (member of the center, teacher, administrative assistant or fellows) of participants within the center were not distinguished. Their discourses were the only focus, based on thematic content analysis.

Results: from analysis the next categories emerged: 1) research center, 2) quality of research, 3) funding, 4) publications and 5) role of psychology.

Conclusion: in this research center, prevail theories which are sensitive to economic, political and social factors, nonetheless, technocratic and intrapsychic models, more aligned with free market demands, are more spread out and have a bigger impact on international journals, in consequence, get more funding, because it is what this market defines as successful.

Keywords: free market, neoliberalism, scientific research, management policies.

Introdução

O presente artigo explora as consequências da aplicação das práticas neoliberais de mercado na investigação científica em Psicologia. Adota, como referencial teórico, a Psicologia Crítica que, não sendo um campo de estudos unificado, pretende analisar a Psicologia na sua constante interação com a realidade social, económica, cultural, política e histórica da qual é produto (Coimbra & Menezes, 2009). Resulta dos contributos de autores que reconheceram as dificuldades ontológicas, epistemológicas, políticas e éticas da disciplina (Walsh, Teo & Baydala, 2014), como, por exemplo, a teologia da libertação latino-americana ou a psicologia comunitária (Austin & Prilleltensky, 2001; Teo, 2015).

A teoria neoliberal considera que os mercados se autorregulam são mais eficazes quando livres de influências exteriores (Jones, 2012) e melhor se garante o bem-estar dos indivíduos não os perturbando nas suas iniciativas empreendedoras (Sá, 2019): maximizando-se o alcance e a frequência das trocas comerciais, otimiza-se o bem comum (Harvey, 2007). Alexandre Franco de Sá (2019) escreve que o neoliberalismo se baseia na “desregulação generalizada e na transformação do Estado no construtor de uma lógica de mercado” (p. 181), através da instrumentalização dos poderes públicos e não mercantis (Rodrigues, 2019), que atuam segundo uma lógica de mercado (Dadot & Laval, 2013), isto é, em termos de produção, crescimento e lucro

(Verhaeghe, 2014). Com a concorrência como princípio e fim da vida social (Samões, 2019), o objetivo das pessoas é procurar oportunidades de negócio, num processo de infundável competição (Dadot & Laval, 2013). Como escreve António Bento (2019):

O medo e a insegurança, bem vistas as coisas, são os melhores estímulos para potenciar e estimular uma atmosfera de concorrência intensa, incitando deste modo o indivíduo a ações inovadoras caso ele pretenda governar-se a si mesmo, em vez de ser governado completamente a partir de fora. O mercado, acredita-se, se encarregará automaticamente de fazer viver uns e deixar morrer outros, justamente aqueles que não querem ou que não podem tornar-se «empresários de si mesmos». (p. 238)

O crescente sucesso da Psicologia após a Segunda Guerra Mundial (Walsh *et al.*, 2014) e o seu enleio com a economia — psicologia económica, gestão de recursos humanos, estudo do consumidor, marketing e o *coaching*, por exemplo (Cabanas & Illouiz, 2019) — levou à utilização cada vez mais frequente da terminologia psi no Ocidente. A análise das questões políticas, morais e sociais pelo escopo psicológico (Dadot & Laval, 2013; Madsen & Brinkmann, 2010) foi transformando a política em política terapêutica (Cabanas & Illouiz, 2019). Neste artigo, assume-se como psicologização esta “indução de um olhar psicológico através da adoção de significantes e discursos psi” (De Vos, 2013, p. 9) que, ao mediar a relação do “ser humano consigo mesmo, os outros e o mundo” (De Vos, 2013, p. 2), admite a responsabilidade dos sujeitos por problemas sociais e incentiva a procura de soluções pessoais para problemas económicos (Parker, 2007). Deste modo, a disciplina pode ser utilizada para a reprodução e manutenção do sistema dominante (Martin-Baró, 1996) ao servir de garantia científica do sujeito neoliberal (Dadot & Laval, 2013).

De facto, a lógica de mercado assumiu, nos últimos anos, o controlo da estruturação da Universidade (Santos, 2011) e alterou a sua condição material (Fernandes, 2017). Por razões que não podem ser tratadas no presente artigo, a reforma das universidades — no caso europeu, através do Processo de Bolonha, assinado por 48 países, incluindo Portugal, que pretendeu a standardização dos procedimentos e dos critérios a fim de facilitar a transparência e o reconhecimento mútuo dos trabalhos universitários e a mobilização dos estudantes (Santos, 2011) — colocaram-na sob uma “pressão que visa reduzir a responsabilidade social da universidade à sua capacidade para produzir conhecimento economicamente útil, isto é, comercializável” (Santos, 2005, p. 31). Os critérios de eficácia, produtividade, maximização dos resultados de acordo com as expectativas do mercado tornam a investigação dependente

dos incentivos financeiros (Dadot & Laval, 2013; Gonçalves & Coimbra, 2016; Monbiot, 2016; Verhaeghe, 2014) e intensificam a vigilância, o controlo e o interesse na subjetividade individual (Dalal, 2018; Parker, 2014). Esta dependência resulta num programa de investigação cada vez mais determinado a partir de agências que respondem a interesses dos mundos empresarial e político (Fernandes, 2017): se o lucro é prioritário, o valor educativo da universidade é negociado como mercadoria individual no mercado global da educação (Gonçalves & Coimbra, 2016; Taylor, 2017). Perante as constantes pressões para publicar (*publish or perish*), ganhar reconhecimento internacional, ascender na carreira académica, encontrar oportunidades de financiamento, ser citado ou contribuir para o *ranking* da universidade, o intento da investigação passa a ser a própria produção de *papers* (Fernandes, 2017), numa interessante reviravolta que faz da publicação científica a causa da produção científica (Correia, 2019). Como sarcasticamente sugerem Moreno & Peralta (2018), as universidades passaram de lugares de **research** para **roisearch** (*return on investment*). Segundo Dalal (2018), no caso da Psicologia:

[...] psychology departments (along with the rest of the university) are akin to factories, obliged to churn out prodigious amounts of research papers in order to put their departments and universities in good standing with the regulatory authorities and funders. Hyper-rationalist performance indicators become the measure of the standing of the university. Publications play a crucial role in this “measuring” process. The greater the number of publications, the higher the university’s score. It is this pressure to publish that has fostered the industrialization of psychological research, which in turn has become pedestrian, formulaic, and ritualistic. (p. 145)

Em Portugal, o ensino universitário integrou oficialmente a Psicologia no curso superior de Filosofia nas faculdades de Letras de Lisboa e Coimbra, em 1911 (Borges, 1985), porém, em 1976, depois da Revolução de Abril de 1974, é que se oficializou como campo de estudos no ensino superior público (Machado, 2014; Nogueira, Saavedra & Neves, 2006). Alguns autores admitem que esta institucionalização tardia teve como maior causa as condições económicas do país e a sua inércia estrutural do que propriamente o regime ditatorial (Machado, 2014). A abertura do país à Europa, a sua inclusão na reforma de Bolonha e a criação de uma Ordem dos Psicólogos, Lei n.º 57/2008, são exemplos da gradual atualização científica e da importância prática da Psicologia no país.

Método

Questões de investigação

O estado da arte permite vislumbrar uma correlação entre a psychologização e o neoliberalismo, nutrindo-se mutuamente. Este estudo pretende explorar (1) qual a dependência da investigação científica em Psicologia no contexto português em relação aos financiadores e (2) se os modelos psicologizadores são, de facto, priorizados.

Procedimento de seleção dos participantes

Dada a metodologia assumida, a seleção dos participantes foi de conveniência. Todos os elementos pertencem a um centro de investigação de Psicologia de uma universidade portuguesa, composto por cinco grupos de investigação, dos quais cinco são do género masculino e sete do género feminino. Não se distinguem as posições ocupadas pelos investigadores (membros integrados do centro de investigação, docentes, bolsiros ou colaboradores) porquanto sendo um estudo exploratório; analisam-se somente os seus discursos para cruzá-los, posteriormente, com o enquadramento teórico. Antes da seleção dos participantes, enviou-se um e-mail ao coordenador de cada um dos cinco grupos existentes neste centro de investigação, explanando os objetivos deste trabalho e solicitando autorização para abordar os investigadores. Obtida a resposta positiva por parte de todos os coordenadores, selecionaram-se dois membros de cada grupo, à exceção de um dos grupos, no qual se selecionaram quatro por haver neste mais de metade dos investigadores de todo o centro. De seguida, enviou-se um e-mail aos participantes com a explicação do objetivo da investigação, dando nota do consentimento informado, assegurando a confidencialidade e recolhendo as respectivas disponibilidades, caso houvesse interesse em participar.

Procedimento de recolha de dados e instrumentos

As entrevistas iniciaram-se a 8 de fevereiro de 2019 e terminaram no dia 14 de maio de 2019. A sua duração variou entre 12min50s e 1h04min04s. À exceção de um investigador cuja entrevista ocorreu no seu gabinete de trabalho, as demais efetuaram-se numa das salas da faculdade que alberga este centro de investigação. Todos os participantes assinaram o consentimento informado e foi-lhes garantida a devolução dos resultados após a conclusão do trabalho. A gravação efetuou-se com o telemóvel do

investigador principal, um Huawei P8lite. Para a entrevista semiestruturada, utilizou-se um guião com sete perguntas abertas.

Procedimento da análise dos dados recolhidos

Este estudo qualitativo recorreu a uma análise de conteúdo temática (Bardin, 1977; Braun & Clark, 2006), técnica que procura identificar, analisar e assinalar padrões ou temas recorrentes nos dados (Braun & Clark, 2006), exumando “núcleos de sentido” em consonância com os objetivos previamente estabelecidos (Bardin, 1977, p. 105). Considerou-se este o método mais adequado, pois permite a exploração e a análise dos discursos de quem lida diariamente com a investigação, havendo o potencial de fornecer indicações para estudos póstumos. As transcrições foram relidas para corrigir possíveis gralhas e garantir maior validade descritiva e interpretativa (Flick, 1998). Como recurso para a categorização do *corpus* de dados, utilizou-se o *software* NVivo (versão 12 PRO). O estado de arte orientou as categorizações, embora alguns temas tenham emergido sem ponderação prévia, graças a repetidas e atentas análises dos dados. O guião utilizado nas entrevistas também foi tido em conta, contudo não se demarcou uma relação direta entre as perguntas e as categorias formuladas.

Apresentação e discussão dos resultados

Da análise das 12 entrevistas emergiram cinco categorias: (1) centro de investigação; (2) qualidade de investigação; (3) financiamento; (4) publicações; (5) e papel da Psicologia. A discussão é simultânea à redação dos resultados.

Centro de investigação

Esta categoria surge da necessidade dos participantes explicarem a sua área de investigação e o seu interesse por ela. Dois dos grupos usam referenciais teóricos contextuais, numa lógica de promoção e prevenção (crítico, ecológico, construtivista e desenvolvimental), outros três focam-se no funcionamento interno da psique. No grupo 1 (G1), dois dos participantes atuam na área do trabalho e dois nas questões de género, sexualidades e interseccionalidade. O objetivo principal do primeiro subgrupo é a saúde individual dos trabalhadores e as condições de exercício do seu trabalho, do segundo são as questões relativas à igualdade de género, às questões de novas conceções de género, de masculinidades, feminilidades e formas hegemónicas ou não hegemónicas destas vivências. No grupo 2 (G2), analisa-se o desenvolvimento

humano, sobretudo a parte inicial do ciclo vital, mas também a orientação vocacional ao longo da vida. No grupo 3 (G3), a prioridade é perceber as dinâmicas relacionais, ou seja, (...) investiga aquilo que é a importância das relações no ajustamento psicológico do indivíduo (P2, G3). No grupo 4 (G4), procede-se ao estudo da linguagem e dos aspectos cognitivos que estão adjacentes à linguagem. No grupo 5 (G5), investe-se nas variáveis psicofisiológicas e cognitivas, nas questões da sexualidade, no comportamento sexual, (...) tendo em vista a promoção de uma maior saúde sexual (P2, G5).

Em dois terços dos casos (8), o interesse pela área desenvolve-se através de (...) uma sucessão de acasos (P2, G5) relativos ao percurso académico. Porém, quatro participantes revelam razões anteriores tais como (...) as questões das escolhas ao longo do meu percurso [anterior à faculdade] (P1, G2), (...) a minha muito precoce inquietude com a imposição de normas, com as situações de injustiça (P4, G1), (...) uma paixão muito ligada à psicoterapia e à psicanálise (P1, G3) e (...) a identificação intelectual (P2, G4).

De facto, a extensa ramificação em subdisciplinas é uma característica da Psicologia (Richards, 1996). Não obstante existir todo um conjunto de linhas orientadoras da Psicologia que são minimamente consensuais, (...) e esses mínimos devem ser garantidos (P1, G2), uma das riquezas da disciplina é a diversidade, pois (...) é fundamental podermos produzir a investigação de diferentes formas, com diferentes modelos, com diferentes valores e depois podermos confrontar resultados e tentarmos percebê-los de uma maneira mais abrangente (P1, G2). As dificuldades ontológicas, epistemológicas, políticas e éticas que acompanham a disciplina desde os tempos inaugurais conduziram a Psicologia a reinvenções conceptuais frequentes e grandes divergências no seu seio (Walsh *et al.*, 2014). Contudo, as inquietudes estruturais dum campo científico que estuda a atividade humana subjetivante (Richards, 1996) nunca impediram a disciplina de se adaptar às mudanças socioeconómicas (Parker, 2007), muitas vezes paralelas às mudanças tecnológicas (Walsh *et al.*, 2014), como se exemplifica pelo domínio das ciências comportamentais durante o taylorismo (Richards, 1996) ou pela proliferação da Psicologia Positiva e outras terapias de felicidade individual na contemporaneidade neoliberal (Cabanas & Illouz, 2019). O enleio entre a Psicologia e a Economia é visível desde o início da primeira mas é no tempo hodierno que ambas, ao aproximar-se o sujeito psicológico do sujeito neoliberal, se tornam faces da mesma moeda.

Qualidade de investigação

O processo de escolha da metodologia depende dos objetos em estudo: (...) não vamos estudar a prostituição nas ruas com uma metodologia quantitativa, como não vamos estudar a memória com uma metodologia qualitativa (P2, G4). Entende-se a metodologia como uma resposta ao problema e (...) não como uma preferência pessoal (P2, G4), (...) e sempre que é possível usar diferentes metodologias também se usam (P4, G1). No G1, o primeiro subgrupo segue uma abordagem qualitativa, (...) muito marcada pela análise do trabalho em contexto, em situação real (P1, G1) e o segundo admite que as metodologias (...) são sempre, por esmagadora vontade, as qualitativas (P4, G1). No G2, (...) é muito privilegiada a observação (P2, G2), embora (...) quando se está a estudar o início do ciclo vital a recolha de dados seja mais objetiva do que qualitativa (P1, G2). No G3, são fundamentalmente metodologias quantitativas, estando (...) cada vez mais a especializar-nos em termos daquilo que são os estudos experimentais (P2, G3). Contudo, (...) temos estudos qualitativos que são para dar resposta a questões mais exploratórias que surgem muitas vezes porque ainda não temos resposta à nossa questão (P2, G3). No G4, a investigação é quantitativa, (...) com uma metodologia experimental, com controlo, recolha de dados em ambiente controlado (P2, G4) e, para além dos estudos experimentais, (...) alguns investigadores fazem estudos correlacionais em que utilizam amostras muito grandes para conduzir análises estatísticas sofisticadas (P1, G4). Por último, no G5, (...) a investigação tem grande enfoque nas metodologias experimentais (P2, G5).

Seis participantes têm uma preocupação muito grande com a disseminação dos resultados, (...) traduzida no cuidado constante de fazer seminários, de devolver resultados de investigação quando as pessoas pedem, de tentar pensar em implicações que tenham a ver com a prática, de tentar estar atento às dimensões contextuais (P4, G1), no sentido (...) da transformação social, da contribuição para os contextos no que é possível (P4, G1). Devolver à comunidade saberes que possam ser úteis e que, em muitos casos, foram possíveis através de financiamento público (Fernandes, 2017) é, não apenas importante, como eticamente esperado. Todavia, o conhecimento recolhido através duma lógica psicologizante – Dalal (2018) refere vários estudos no Reino Unido, utilizando o modelo cognitivo-comportamental, que concluíram que a pobreza pode ser ultrapassada fazendo das pessoas mais felizes: “their solution is to change the thoughts of individuals, so that they are no longer troubled by the conditions they live” (p. 25) –, por muito bem-intencionada que seja, pode levar à legitimação dos trâmites neoliberais. Uma postura crítica por parte do investigador é crucial, quer ao escolher o método de investigação, quer no momento de analisar e dar significado aos resultados.

Financiamento

O conhecimento científico resulta da situação social e dos investimentos políticos que o criam e partilham (Marecek & Hare-Mustin, 2009). Num meio (...) bastante competitivo (P2, G5), (...) cujas candidaturas são, de facto, uma loucura (P2, G2), (...) há critérios de financiamento que são claros (P3, G1): a relevância, (...) quer em termos de conhecimento científico, quer em termos daquilo que vão ser as suas implicações e os seus contributos para aquela realidade em particular (P2, G2); a exequibilidade do projeto, porque (...) também não podemos ter projetos megalómanos, têm que ser projetos relativamente circunscritos (P2, G2); a internacionalização, portanto, (...) se tiver um projeto que englobe o estudo conjunto com outras comunidades, outros países, outros investigadores, tudo isto acaba por ser valorizado (P1, G2); a questão da clareza: (...) como qualquer trabalho de investigação científica, há-de ser sempre um aspeto extremamente importante (P2, G2); a experiência da equipa de investigação, isto é, (...) o número de publicações, os estudos e os financiamentos anteriores, a multidisciplinariedade (P2, G3) e (...) as redes de investigação em que nos inserimos (P1, G4).

Porém, vários investigadores criticam alguns critérios, particularmente: (1) a necessidade de demonstrar experiência, que (...) é um critério absolutamente burocrático, que é isto vai ser aprovado se eu continuar a fazer uma coisa que já fiz (P2, G4); (2) o número de publicações que, (...) embora uma pessoa com muitas publicações tenha desenvolvido muitos trabalhos de investigação (P1, G2), (...) isto é do ponto de vista teórico, [por]que às vezes há artigos, passando a expressão, muito de encher chouriços, não é? (P2, G5); (3) por último, (...) coisas externas a nós, que são os piscarres de olhos e os avisos das escolas abertas aos vários níveis para diferentes projetos, sejam os da FCT [Fundação para a Ciência e a Tecnologia], sejam europeus, sejam internacionais (P4, G1).

Várias condições modelam as candidaturas (...) num mundo ocidental, europeu, fortemente influenciado pelas questões anglo-saxónicas, pelas lógicas norte-americanas, muito caracterizado, como sabemos, esmagadoramente caracterizado por questões neoliberais (P4, G1). Num mundo académico que adequa o que se estuda a pedidos externos, a investigação é cada vez mais uma prestação de serviços comercializável à mercê de financiadores ou consumidores públicos ou privados, secundarizando, ou mesmo obliterando, o conhecimento como fim em si mesmo. Os pressupostos que deveriam ser estimulados na procura do saber – originalidade, liberdade, experiência – são aqueles que contam menos para a obtenção de financiamento porque (...) acho que hoje em dia é muito o pragmatismo da ideia, se é viável, se não é, se se vê rapidamente qual é a aplicação prática, se vai fazer alguém poupar dinheiro ou não (P1, G3). Além dos critérios oficiais, (...) às vezes, temos que dar a volta

àquilo que gostamos e àquilo que estamos a fazer para ir um bocadinho ao encontro a isto [ao que é pedido pelas entidades financiadoras] (P1, G3). Com os anos de prática, (...) vamos saber usar uma linguagem... bom, ou seja, nós vamos aprendendo a fazer cedências (P1, G1) que, geralmente, (...) é uma articulação do discurso para aquilo que as pessoas querem ouvir (P4, G1). As cedências não implicam assumir uma posição de incoerência, implicam (...) sabermos também comunicar as nossas intenções, o que é que nos propomos a fazer e o que é que vamos medir, o que é que vamos analisar, o que é que vamos fazer com esses dados (P1, G1). No fundo, (...) é um jogo de cintura (P4, G1), (...) uma questão de afinar a nossa linguagem e de abrir cada vez mais à comunidade que financia porque nós também nos devemos colocar na posição de quem tem o cheque e a caneta para assinar o cheque, fazemos essa cedência de bom grado porque tem que ser (P1, G1). (...) Importa fazer o que nós queremos, mas também não vale a pena ir contra o que é proposto na abertura do concurso porque senão não temos financiamento (P1, G4).

Embora se concorde que as metodologias quantitativas e qualitativas (...) devem servir para aquilo que nós quisermos estudar tendo em conta aquilo que nós quisermos saber e que ambas, obviamente, têm as suas vantagens e desvantagens (P2, G5), no que concerne ao financiamento existe uma clara predileção pela investigação quantitativa: (...) há uma forte necessidade de justificar por que metodologias qualitativas e por que metodologias que se posicionam também são válidas na produção de conhecimento (P1, G3). Um dos participantes afirma que (...) é quase como se nós deixássemos de ser pessoas e passássemos a ser números, e a visão tende a ser cada vez mais essa. É algo estranho, mas a gente caminha para aí (P1, G2). A ideia de que aquilo que não se pode contabilizar não existe é basilar na definição hiper-racional de eficácia (Dalal, 2018), característica das novas políticas de gestão. A investigação deve produzir resultados que possam ser objetivamente analisados (Verhaeghe, 2014) porque são estes resultados que determinam a posição da Universidade a nível mundial à semelhança das agências de *rating* financeiro (Dalal, 2018).

A missão histórica da Psicologia em estudar a subjetividade que escapa às ciências exatas acaba por falhar (De Vos, 2008) pois (...) o que se verifica é que aquilo que é mais próximo da Medicina ou das ciências exatas na Psicologia também parece ter cada vez mais valor em detrimento daquilo que é mais individual ou subjetivo (P1, G2) – nos seus primórdios, a Psicologia tentou distinguir-se da Filosofia e alinhar-se com as ciências naturais e exatas a fim de receber reconhecimento e estatuto social por parte da Academia (Walsh *et al.*, 2014). É interessante verificar que, independentemente da organização económico-social das sociedades ocidentais, alguns ramos da Psicologia ainda mantenham viva essa luta.

Publicações

Porque (...) tem que haver um critério de avaliação da performance na ciência (P2, G4) e (...) é necessário, de facto, alguma exigência em que as pessoas têm que demonstrar algo (P2, G5), a publicação é de crucial importância (Fernandes, 2017). A obrigação de mostrar trabalho mediante publicações é legítima (...) até porque são conhecidas histórias em universidades do mundo, portanto, não só em Portugal, de gente que era capaz de, com este argumento, ok, então não preciso, não posso ter pressão para pensar, por exemplo, e à conta disto não havia rigorosamente trabalho prático nenhum (P2, G5). Assim, (...) eu acho bem que haja pressão para investigar, porque isto faz-nos andar para a frente (P2, G3) (...) seja na atualização constante do conhecimento, seja como oportunidade de refletir sobre as tais implicações que poderá vir a ter (P1, G5).

Todavia, a investigação focalizada na pressão de publicar, (...) quase que lhe poderia chamar de capitalista de ser tudo muito à pressa (P1, G3), acaba por não ter qualidade, no sentido em que (...) as pessoas fazem qualquer coisa às três pancadas, publicam uma coisa qualquer (P2, G3). Este intento de publicar, (...) muitas vezes não importa bem o conteúdo da publicação desde que se publique (P1, G2) leva a que, em muitos casos, (...) se publiquem redundâncias ou irrelevâncias (P1, G1). O foco na celeridade e quantidade de publicação não dá tempo para se amadurecer ideias, portanto, (...) as pessoas só querem publicar não havendo interesse em mais nada (P1, G3). Quando a publicação científica constitui a unidade de produção por excelência dos departamentos de investigação (Verhaeghe, 2014), o sentido de publicar inverte-se e esta torna-se a causa da produção científica (Correia, 2019). Spence (1985) elaborou algumas consequências desta lógica: "we may inadvertently be training young scholars to produce the superficial, the flashy, and the quick and dirty and causing them to become disillusioned and cynical about the purpose of research" (p. 1293). Reitera-se que a crítica não é contra a publicação em si, mas contra (...) a forma como ela hoje massivamente está a ser entendida, naquela expressão inglesa do *publish or perish* (P4, G1): (...) nós não somos livres de estudar aquilo que queremos, da maneira que queremos (P1, G2) e (...) a fasquia é igual para todos os grupos, seja a investigação quantitativa, seja a investigação qualitativa, nivela-se o nível de exigência (P1, G1) numa utilização de critérios tão rígidos que (...) a coisa funciona muito a preto e branco (P2, G5). Corolário desta pressão (...) é a estimulação da publicação de miudezas e a priorização das soluções rápidas, eficientes, e que se esquecem da interioridade do ser humano (P1, G3), (...) num processo que dificulta muito que apareçam os próximos Freuds ou Piagets (P1, G3). Esta pressão (...) faz com que a pessoa às vezes nem faça

tanto ou crie muita angústia nos processos. Associa a investigação como processos muito dolorosos e não tinha que ser (P3, G1).

Também a produção de artigos científicos internacionais (...) faz todo o sentido (P2, G2), contudo (...) a publicação ressent-se de uma hegemonia no mundo em geral e de um imperialismo inaceitável que é o imperialismo do inglês (P4, G1). Por um lado, (...) há uma possibilidade de entendimento universalizável que não é negligenciável (P4, G1) e (...) não faz sentido nós estarmos a realizar investigação que não seja internacionalmente relevante (P2, G2); por outro lado, (...) preocupamo-nos muito com a internacionalização, com os domínios a nível de vários países estarem envolvidos, desta ideia da globalização, mas, por exemplo, esquecemo-nos que existe muita vida em Portugal, nas aldeias, nos contextos mais rurais, isso também é intervenção, é intervenção psicológica e está por ali (P3, G1). (...) Se virmos um artigo em língua portuguesa e um artigo em língua inglesa, tendemos a achar que aquele que está em língua inglesa é melhor (P1, G2).

A predominância da utilização da língua inglesa na produção científica acompanha o processo de globalização (Torgal, 2015) e a utilização de uma língua comum facilita a partilha de informação na comunidade científica. No entanto, a língua é uma condição do próprio pensamento — a clássica distopia orwelliana “1984” é um fino exemplo de como a linguagem está profundamente implicada no modo de pensar e como pode ser usada como instrumento de dominação política (Fernandes, 2017). É plausível questionar se, no interior da dinâmica da investigação comercializável a curto prazo (Rhoades & Slaughter, 2004), a simplificação da linguagem diminui o carácter hermenêutico e reflexivo das investigações.

O factor de impacto, indicador bibliométrico que corresponde ao número de citações numa certa revista nos dois anos anteriores a dividir pelo número de artigos publicados nesse tempo, é um dos critérios que mais influencia a posição das universidades nos *rankings* mundiais. (...) Estes critérios são um bocadinho artificiais (P1, G4). O tipo de ciência das revistas — (...) as revistas de Medicina são altíssimas, têm mais impacto do que as de Psicologia (P2, G3) — circunscreve desde logo o número de pessoas interessadas em determinado artigo, (...) além de não poder atestar a questão da qualidade e da importância daquela produção num determinado contexto (P3, G1), (...) embora as alternativas que apareceram até agora, para mim, ainda não me convenceram (P2, G2). Não obstante as fragilidades desta medição, publicar em revistas ISI (*Institute of Scientific Information*) é importante porque tem impacto em termos do currículo e, por exemplo, (...) se eu quiser concorrer a alguma coisa a nível internacional, eles estão pouco preocupados se a revista é portuguesa ou não, vão olhar para critérios mais objetivos como revistas internacionalmente reconhecidas

(P1, G4); (...) o investigador não avança, nomeadamente nos tais critérios de seleção, nos critérios de admissibilidade a lugares académicos, de investigação, se não provar por este método que a sua investigação é válida (P4, G1). Uma investigação tem maior probabilidade de sucesso se for redigida em inglês e submetida numa revista reconhecida internacionalmente — reconhecimento proveniente do número de citações de que as publicações foram alvo. O paradoxo entre a influência deste critério e o modo simples com que assume o impacto de um estudo não é motivo de desassossego por parte das entidades avaliadoras porque (...) sabemos que as editoras têm um lucro enorme com todo o processo de revisão e com todo o processo de publicação de artigos (P2, G2). (...) Quem determina isto é a Thomson Reuters e um conjunto de sites e de cálculos que se fazem com *lobbies* que a gente sabe que estão altamente financiados para fazerem citações específicas dos amigos, para se citarem várias vezes e que estão aqui em jogo (P4, G1). A hiper-racionalização do conceito de eficiência constitui a atitude-padrão das novas políticas de gestão (*new public management*) e da visão neoliberal (Dalal, 2018), tornando a tecnocracia cega, atomizada e descontextualizada (Dalal, 2018). Conhecem-se situações em que *papers* foram escritos por programas de computador (Fernandes, 2017, p. 37) e mesmo o filtro apertado das revistas conceituadas e a obrigatoriedade dum sistema de revisão por pares pode ser ineficaz quando (...) os editores têm acesso aos autores e os editores é que decidem quem são os revisores (P1, G4). Billig (2013) anuncia este estado em que é forçoso publicar porque da subida de posição hierárquica das instituições resulta maior receita. De lugares de **research** para lugares de **roisearch** (Moreno & Peralta, 2018), (...) pensa-se de uma forma muito cega e muito esmagadora no que pode fazer, no que pode render (P4, G1). Não obstante as críticas à política de publicação, (...) é muito fácil nós criticarmos, não é? Mas para quem está a gerir isto também não é nada fácil dizer assim, ok, como é que eu avalio a qualidade destes trabalhos (P2, G3). É possível compreender os *rankings* "como o sal na comida: a menos, torna-a intragável; a mais, mata todos os sabores" (Santos, 2011, p. 8).

Papel da Psicologia

Sobre a função e o lugar da Psicologia na contemporaneidade, particularmente no seio científico, reconheceu-se a sua falta de neutralidade política. No mundo ideal deveria ser neutra, porém (...) eu não digo que ela seja feita intencionalmente, acabamos é por repercutir discursos que já estão instituídos (P1, G1). Todavia, há momentos em que a Psicologia não deve ser neutra como, por exemplo, nas questões laborais: (...) se um grupo de investigação em Psicologia do Trabalho se posiciona ao lado destas

peças e mostra que as condições de trabalho não são tidas em consideração, isto é um posicionamento político (P1, G1), pois (...) preocupa-se com o trabalho, com as condições do trabalho, com a precarização do trabalho (P2, G1). De facto, (...) as pessoas não existem em vazios políticos ou em vazios contextuais e toda a nossa vida é política (P3, G1). O psicólogo (...) deve ter em atenção aquilo que produz e aquilo que faz, intervi[ndo] naquilo que é a comunidade na qual está inserido (P1, G2). Por isso, (...) terá sempre uma atividade política (P1, G2) e (...) é importante ser explícito quanto às questões políticas e éticas quer no exercício da psicologia, quer na investigação da psicologia, percebendo quais os interesses que a nossa investigação está a servir ou pode servir (P2, G2).

Ademais, (...) não há nenhuma ciência que seja politicamente neutra (P2, G3). Por exemplo, no campo da fertilidade e natalidade em Portugal, um dos países com mais baixa natalidade, (...) eu tenho que pôr o meu projeto a dizer assim, ok, eu estou a fazer isto que é para prevenir o envelhecimento da população [um dos principais objetivos de investigação na União Europeia] e quando eu estou a publicar já estou a falar nesta prioridade (P2, G3). De certa forma, (...) vamos politizados para as nossas questões de investigação (P2, G3) e (...) até as publicações em revistas são influenciadas pelas relações das pessoas e pelas questões políticas (P1, G4). (...) É diferente submeter um artigo numa revista sendo pouco ou nada conhecido ou ter como coautor uma das pessoas que mais influentes na área (P1, G4). Outro exemplo, (...) há uma pressão de grupos económicos para que os modelos de psicoterapia sejam breves porque interessa a seguradoras. Portugal é um paizeco, não tem muita relevância mas nos Estados Unidos nota-se que o foco em questões como identidade de género andam a esconder as questões da economia que eu acho que são mais importantes (P1, G3). (...) Isto traduz-se nos estudos cada vez mais pragmáticos, que levam a matar teorias importantes e que fazem bem, ajudam a explicar o ser humano (P1, G3). Se há dúvidas que a Psicologia se encontra imbuída de valores, questione-se, por exemplo, o bem-estar: (...) por que as pessoas precisam de ter bem-estar? Ninguém disse. Precisam? As pessoas precisam de ajuda? Por quê? Para quê? (P2, G4).

Mesmo não havendo neutralidade, a Psicologia não tem que ser um instrumento político, (...) não tem que ser utilizada para veicular determinado tipo de mensagens mais políticas, menos políticas, mais à direita, mais à esquerda (P1, G5). Ser político é (...) sermos responsáveis com as informações que nós temos (P2, G5). Também a psicologia (...) não é sempre negativa porque é na relação com o indivíduo, sabendo que há algumas dimensões que podem ajudar a lidar melhor com certas circunstâncias da sua vida, não negando a importância que tem o trabalho a nível social, que é possível ajudá-lo a autodeterminar-se para depois até se calhar

ser ele o protagonista dessas mudanças (P1, G5). Neste artigo, problematizou-se a psicologização como legitimação científica do sujeito neoliberal, que é empresa de si mesmo, imerso na competição global (Dadot & Laval, 2013; Hans, 2015[2014]). Para lá da redução dos fenómenos da psique a mecanismos de funcionamento interno (Parker, 2007), criticam-se a utilização da terminologia psi como panaceia de todos os fenómenos humanos (sociais, económicos, políticos) e as suas consequências, tanto sociais como na própria subjetividade: os problemas económicos são um questão organizacional que, por sua vez, é reduzida à parca competência do indivíduo na sua relação consigo e com os outros (Dadot & Laval, 2013).

Conclusões

Analisados os discursos dos participantes, foi possível apurar que, neste contexto português, existe um conjunto de critérios a considerar aquando das propostas de intervenção para garantir o financiamento necessário para a pesquisa, num clima de contínua competição e cumprimento de prazos. Estes resultados justificam-se, em parte, pela opção metodológica de recolher os dados dos participantes a partir de um guião de entrevistas aberto, não focalizado e direcionado para as questões de investigação. Verificou-se que os modelos que encaram o eu interior como a causa e a raiz de todos os comportamentos (Cabanas & Illouiz, 2019) são priorizados pelas entidades financiadoras, quer privadas, quer públicas. Ademais, destacam-se dois resultados importantes: (1) neste centro de investigação, predominam referenciais teóricos sensíveis aos factores económicos, políticos e sociais, porém são os modelos tecnocratas e intrapsíquicos, mais alinhados com as demandas neoliberais, que têm maior alcance e impacto nas revistas internacionais e, por consequência, maior investimento, uma vez que é o sucesso no mercado que o determina; (2) embora os participantes tenham consciência dos constrangimentos da investigação, precisam de jogar segundo estas regras quando a alternativa é haver quem os substitua. Esta realidade vem confirmando a hipótese de Boaventura Sousa Santos (2011) quando equacionou o caminho perverso que o processo de Bolonha poderia tomar:

zombies de formulários, objectivos, avaliações impecáveis no rigor formal e necessariamente fraudulentas na substância, workpackages, deliverables, milestones, negócios de citação recíproca para melhorar os índices, comparações entre o públicas-onde-não-me-interessa-o-quê, carreiras imaginadas como exaltantes e sempre paradas nos andares de baixo. Para os docentes mais jovens, a liberdade académica não passará de uma piada cruel. (p. 6)

Potencialidades e limitações

A presente pesquisa assumiu, desde o início, o intento de alertar para a instrumentalização da Psicologia no mercado do conhecimento e, através duma recolha de literatura e de um estudo exploratório, crê-se ser este o seu modesto contributo: chamar a atenção para o entrelaçamento da Psicologia com a Economia, num emaranhado que se vem adensando desde a segunda metade do século XX (Cabanas & Illouz, 2019). Todavia, perante o carácter qualitativo e exploratório, apontam-se as seguintes limitações: parca caracterização dos participantes, devido à opção de explorar unicamente os seus discursos; não distinção das correntes da Psicologia e o seu potencial de psicologização, justificando-se esta ausência por se considerar que a psicologização é o paradigma da Psicologia (De Vos, 2013) e, portanto, aplicável a qualquer corrente.

Desafios e futuros desenvolvimentos

Para futuras investigações, propõe-se (1) alargar a análise a mais centros de investigação em Psicologia do país, adoptando, caso se justifique, outras metodologias; (2) estudar a psicologização na prática quotidiana, através da análise das terapias utilizadas pelos psicólogos; (3) desenvolver a análise destes conceitos noutras ciências psi, como por exemplo, na Psiquiatria; (4) aprofundar a relação entre as constituições psíquicas e as formas de produção dum ponto de vista transdisciplinar (Jappe, 2019).

Considerações finais

Este trabalho não pretendeu desautorizar a investigação científica desenvolvida nos centros de investigação psicológica. Propôs-se analisar e assumir um posicionamento crítico em relação à Psicologia sem memória, sem história e sem contexto. Como constata Martin-Baró (1996):

Não se trata de abandonar a psicologia; trata-se de colocar o saber psicológico ao serviço da construção de uma sociedade em que o bem estar dos menos não se faça sobre o mal estar dos mais, em que a realização de alguns não requeira a negação dos outros, em que o interesse de poucos não exija a desumanização de todos. (p. 23)

Referências bibliográficas

- Austin, S. & Prilleltensky, I. (2001). Diverse origins, common aims: the challenge of critical psychology. *Radical Psychology*, 2(2). Recuperado de: <http://radpsynet.org/journal/vol2-2/austin-prilleltensky.html>.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bento, A. (2019). *Smash the State, Mr. Foucault? Liberalismo e neoliberalismo em Michel Foucault*. In A. Bento & J. M. Santos (eds.), *Neoliberalismo, Liberdade, Governo* (pp. 195-250). Lisboa: Sistema Solar, CRL (Documenta).
- Billig, M. (2013). Academic Words and Academic Capitalism. *Athenea Digital (Revista de Pensamiento e Investigación Social)*, 13(1), 7-12. doi: 10.5565/rev/athenead/v13n1.1108.
- Borges, M. I. (1985). História da psicologia em Portugal (VI): da década de 20 à década de 50. *Jornal de Psicologia*, 4(3), 18-21.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa.
- Cabanas, E., & Illouiz, E. (2019). *A Ditadura da Felicidade — Como a Ciência da Felicidade Controla as Nossas Vidas*. Lisboa: Temas e Debates — Círculo de Leitores.
- Coimbra, J., & Menezes, I. (2009). Society of individuals or community strength: Community psychology at risk in at-risk societies. *Journal of Critical Psychology, Counselling and Psychotherapy*, 9(2), 87-97.
- Correia, J. C. (2019). A revolução neoliberal e o impacto na ciência e na comunicação: breves notas para debate. Em A. Bento & J. M. Santos (eds.), *Neoliberalismo, Liberdade, Governo* (pp. 133-151). Lisboa: Sistema Solar, CRL (Documenta).
- Dadot, P., & Laval, C. (2013). *The New Way of the World: On Neoliberal Society*. London: Verso.
- Dalal, F. (2018). *CBT: The cognitive behavioural tsunami: Managerialism, politics, and the corruptions of science*. New York: Routledge.
- De Vos, J. (2013). *Psychologization and the subject of late modernity*. New York: Palgrave. doi: <https://doi.org/10.1057/9781137269225>

- De Vos, J. (2008). From Panopticon to Pan-psychologization. *International Journal of Žižek Studies*, 2(1). Recuperado de: <http://www.zizekstudies.org/index.php/IJZS/article/view/43/40>.
- Fernandes, L. (2017). A produção do saber psicológico na sociedade do conhecimento: breve reflexão sobre liberdades e constrangimentos. Em L. Fernandes (ed.) *Conhecimento de si na sociedade do conhecimento: cinco textos inquietos* (pp. 19-52). Porto: Apuro Edições.
- Flick, U. (1998). *An introduction to qualitative research*. London: Sage Publications.
- Gonçalves, C., & Coimbra, J. (2016). Orientar nas sociedades líquidas e da incerteza: um desafio para a investigação e intervenção em orientação vocacional. Em M. V. Fernández, & A. F. R. Sánchez (Eds), *Vulnerabilidade, formación para o traballo, orientación e comunidade na eurorrexión Galicia-Norte de Portugal* (pp. 37-60). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Hans, B. (2015[2014]). *Psicopolítica — Neoliberalismo e novas técnicas de poder*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Harvey, D. (2007). *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press.
- Jappe, A. (2019). *A Sociedade Autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição*. Lisboa: Antígona.
- Jones, D. S. (2012). *Masters of the Universe: Hayek, Friedman, and the Birth of Neoliberal Politics*. Princeton: Princeton University Press.
- Lei n.º 57/2008. Diário da República, I Série, n.º 171/2008, 4 de setembro de 2008, pp. 6211 — 6220.
- Machado, T. S. (2014). Contributos para a história da afirmação da psicologia em Portugal: o papel de Alves dos Santos e de Sílvio Lima. Em A. M. Jacó-Vilena & F. T. Portugal (eds.), *Cloi-Psyché, Instituições, História, Psicologia* (pp. 71-91). Rio de Janeiro: Outras Letras
- Madsen, O. J., & Brinkmann, S. (2010). The Disappearance of psychologization?. *Annual Review of Critical Psychology*, 8, 179-199.
- Marecek, J., & Hare-Mustin, R. T. (2009). **Clinical psychology: The politics of madness**. Em D. Fox, I. Prilleltensky, & S. Austin (eds.), *Critical psychology: An introduction* (pp. 75-92). Sage Publications Ltd.
- Martin-Baró, I (1996). O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2, 7-27.

- Monbiot, G. (2016, abril 15). Neoliberalism — the ideology at the root of all our problems. *The Guardian*. Recuperado de: <https://www.theguardian.com>.
- Moreno, F. G. & Peralta, C. M. (2018). Caminos no para llegar sino para seguir andando: una investigación poscualitativa sobre la psicología crítica en el capitalismo cognitivo. *Pensando Psicología*, 14(23), 1-12. <https://doi.org/10.16925/pe.v14i23.2264>.
- Nogueira, C., Saavedra, L., & Neves, S. (2006) Critical (Feminist) Psychology in Portugal. Will it be possible?. *Annual Review of Critical Psychology*, 5, 136-147.
- Parker, I. (2007). *Revolution in Psychology: Alienation to Emancipation*. London: Pluto Press.
- Parker, I. (2014). Managing Neoliberalism and the Strong State in Higher Education: Psychology Today. *Qualitative Research in Psychology*, 11(3), 250-264. doi: <https://doi.org/10.1080/14780887.2013.872214>
- Rhoades, G., & Slaughter, S. (2004). Academic Capitalism in the New Economy: Challenges and Choices. *American Academic*, 1(1), 37-59.
- Richards, G. (1996). *Putting psychology in its place: an introduction from a critical historical perspective*. London: Routledge.
- Rodrigues, J. (2019). Ordem espontânea ou engenharia política em grande escala? F. Hayek e a incrustação federal do neoliberalismo. Em A. Bento & J. M. Santos (eds.), *Neoliberalismo, Liberdade, Governo* (pp. 105-132). Lisboa: Sistema Solar, CRL (Documenta).
- Sá, A. F. (2019). Criptopolítica e populismo, fase superior do neoliberalismo?. Em A. Bento & J. M. Santos (eds.), *Neoliberalismo, Liberdade, Governo* (pp. 171-182). Lisboa: Sistema Solar, CRL (Documenta).
- Samões, O. (2019). Neoliberalismo: Liberdade e Coordenação Social. Em A. Bento & J. M. Santos (eds.), *Neoliberalismo, Liberdade, Governo* (pp. 75-94). Lisboa: Sistema Solar, CRL (Documenta).
- Santos, B. S. (2005). A Universidade no Séc. XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. *Educação, Sociedade & Culturas*, 23, 137-202.
- Santos, B. S. (2011). A Encruzilhada da Universidade Europeia. *Revista do SNESup*, 41. Recuperado de http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20encruzilhada%20da%20Universidade%20Europeia_Set11.pdf

- Spence, J. T. (1985). Achievement American style: The rewards and costs of individualism. *American Psychologist*, 40, 1285-1295. doi: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.40.12.1285>
- Taylor, A. (2017). Perspectives on the University as a Business: The Corporate Management Structure, Neoliberalism and Higher Education. *Journal for Critical Education Policy Studies (JCEPS)*, 15(1), 108-135.
- Teo, T. (2015). Critical Psychology: A Geography of Intellectual Engagement and Resistance. *American Psychologist*, 70(3), 243-254. doi: 10.1037/a0038727.
- Torgal, L. R. (2015). A Universidade em Portugal em período de transição para a democracia e para o neoliberalismo. *Espacio, Tiempo y Educación*, 2(2), 155-171. doi: <https://doi.org/10.14516/ete.2015.002.002.008>
- Verhaeghe, P. (2014). *What about me?: The struggle for identity in a market-based society*. Carlton North: Scribe Publications.
- Walsh, R. T. G., Teo, T. & Baydala, A. (2014). *A Critical History and Philosophy of Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.